

## Versão portuguesa de Aristóteles

Aristóteles. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Porto Alegre, Globo, 1966.

Coube à Editôra Globo, em sua coleção Biblioteca dos Séculos, reeditar no Brasil a tradução da *Poética*, que Eudoro de Sousa apresentara em primeira edição através de Guimarães & Cia. Editôres, de Lisboa, em 1951. A segunda edição manteve a excelente Introdução, mas profundamente reformulada, não só em sua forma, senão também em pontos fundamentais, que afetam a própria posição do Autor face a problemas filológicos.

No Prefácio à 1.<sup>a</sup> edição, transcrito parcialmente na 2.<sup>a</sup>, apontou Eudoro de Sousa, como propósito maior do seu trabalho, “facilitar, tanto quanto possível, a direta reflexão sobre o original grego da *Poética*”; como segundo objetivo, “que a *Arte Poética*, outrora lida e relida entre nós, no texto grego original e nas famosas paráfrases latinas e italianas do Renascimento, como códice da mais perfeita técnica da epopéia e da tragédia, voltasse agora a ser lida e relida, em texto português, como a grande obra de ciência e de erudição que é”. Elucidando o texto e as fontes de exegese de que lançou mão na sua empresa, acrescenta Eudoro de Sousa: “A presente versão baseia-se principalmente no texto grego editado por Augusto Rosagni: *Aristotele Poetica*, Turim (Chiantore), 2.<sup>a</sup> ed. (...) Para a tradução dos passos mais difíceis e interpretação das lições dúbias

e truncadas, consultamos os trabalhos de J. Hardy, A. Gudeman, I. Bywater, M. Valgimigli e F. Albergiani. Sempre que foi possível, utilizamos a anônima versão portuguesa do século XVIII”.

São reformulação básicas, essas, do mesmo mérito de passagens da primeira versão através das quais se ficaram conhecendo, pela primeira vez em escrito de língua portuguesa, teses filológicas como a de Walter Kranz sobre o epirremático e mesmo outras menos recentes, mas ainda assim subsistentes, como a de Ridgeway a propósito da gênese da tragédia nos lamentos fúnebres.

O grande enriquecimento da obra está, todavia, no *Comentário* e *Apêndices* acrescentados a esta 2.<sup>a</sup> edição, onde aparecem compendiados novos elementos de observação reunidos pelo tradutor, com base em bibliografia recente e contribuição própria. Nos comentários, Eudoro de Sousa demora-se particularmente na exposição que faz das soluções propostas sobre as origens históricas da tragédia, as quais — observa — “não encontram outro princípio de classificação e enquadramento, que não seja *pro* ou *contra*” a sintetizada na *Poética*. Alinha, em seguida, as teses de investigadores como Nietzsche, Wilamowitz, Haig, Kallinka, Pickard-Cambridge, Cook, Murray, Nilsson, Perrotta, Bywater e outros que se preocuparam com o problema. Os comentários são numerosos e conferem nova figura à edição brasileira do trabalho do filólogo português, hoje docente da Universidade de Brasília.

No *Apêndice I*, Eudoro de Sousa coligiu valiosos fragmentos de história e crítica literária em torno de temas como o *exárchon*, o ditirambo, etimologias antigas de Tragédia, Árion, Pratinas, Téspis, poéticas anteriores a Aristóteles, etc. O segundo apêndice oferece um cuidadoso apanhado da História da Filologia Grega na Antiguidade, ao passo que o terceiro, uma classificação dos argumentos básicos segundo os ciclos mitológicos tradicionais; o quarto, um relacionamento das partes lírico-epirremáticas que ocorrem no texto das tragédias conhecidas.

O volume se encerra com a Bibliografia, Índice Analítico e Índice Onomástico da *Poética*. E dele se pode dizer que se classifica como a mais substancial contribuição aos estudos clássicos aparecida no Brasil recentemente.

N. A.

## IGREJA E UNIVERSIDADE

CELAM. *Os Cristãos na Universidade*. Petrópolis, Editora Vozes, 1968. 61 p.

Em fevereiro de 1967, reuniu-se em Buga, na Colômbia, um seminário sobre a missão da Universidade Católica e a presença da Igreja no mundo universitário da América Latina. Os documentos foram publicados pelo CELAM, sob o título: *Os Cristãos na Universidade*, edição da Vozes, 1968.

O que fez a Igreja pela Universidade? E por que criou Universidades chamadas "Católicas"? O que cabe à Universidade, católica ou não, na América Latina? Que tipo de presença têm ou poderão ter os cristãos na

Universidade? Todas essas questões induzem mais do que a uma reflexão: levam a uma pastoral universitária.

Se há uma *missão* da Universidade Católica ou não, há contudo, uma *presença* da Igreja no mundo universitário do Continente.

Começemos pela missão.

A Universidade Católica está comprometida com a visão cristã da cultura. Para quem ciência e técnica constituem parte. A cultura é essencialmente comunitária e é herança das criações artísticas e técnicas do passado.

Entre Cristianismo e cultura existirá sempre tensão dialética. Mas em vez de gerar conflitos, deveria sempre suscitar diálogo profundo.

Em torno do *diálogo*, o encontro de Buga galvaniza as relações entre Igreja e Universidade.

Diálogo verdadeiro das disciplinas científicas entre si, e destas com a teologia. Uma Universidade sem reflexão teológica não é completa. Falta-lhe um campo do saber.

Cada etapa histórica coloca para a Igreja a necessidade de revisar o grau e a forma de sua colaboração com as tarefas temporais, máxime, no âmbito da cultura. No Ocidente, o saber e a cultura foram institucionalizados nas Universidades. E foi no período medieval, fundando Universidades, que a Igreja cumpriu a dupla missão de serviço especificamente teológico e de colaboração na organização das ciências humanas. Outra foi a posição no mundo moderno: a separação da teologia das ciências humanas. O que correspondeu, no plano institucional, ao isolamento da Faculdade de Teologia do seio da Universidade secular. O que levou a Igreja a criar Universidades Católicas, institucionalizando a separação. Presentemente, procura superar esta separação ao buscar a unidade pelo

diálogo com as instituições universitárias não-confessionais.

Há portanto, três tempos, na relação Igreja-Universidade. A Igreja cria a Universidade, a teologia separa-se da Universidade, a Igreja funda Universidades Católicas. Supera-se a separação pelo diálogo da Igreja com as corporações de ensino superior leigas.

Assim, o campo universitário situa-se entre os que reclamam a atenção da Igreja em duas áreas: uma, a das Universidades Católicas; outra, mais ampla, abrange as Universidades não-Católicas, públicas e privadas.

No que se refere às segundas, não devem reduzir-se a formar profissionais. Universidade há de ser cultivo sério e desinteressado da ciência. Deve ir além: responder às interrogações e angústias profundas do homem e da sociedade. Deve ser *centro de elaboração e irradiação de cultura autêntica*. E elaborar cultura é ser consciência viva da comunidade humana à qual pertence. Talvez seja este o seu compromisso mais vital.

Mas para elaborar a cultura é preciso o diálogo das ciências, artes, filosofia e religiões. E para que possa fazer o diálogo, verdadeira metodologia da elaboração científica e antropológica, precisa abrir-se e ser sincera. A Universidade institucionaliza o diálogo como condição-essência do seu próprio ser.

Quais os elementos do diálogo?

Primeiramente, além de ser altamente teórico, deve ser encarnado nas estruturas concretas da Universidade.

É horizontal, isto é, entre todas as disciplinas — ciências, técnicas, artes, filosofia, teologia — e entre todos os institutos, professores e pesquisadores.

Há de ser vertical. A célula viva da Universidade é o professor-aluno.

O diálogo extravasa a Universidade, prolongando-se necessá-

riamente, na comunidade. A Universidade deve promover a ciência e a técnica, *mas* em comunhão com as circunstâncias concretas. Conhecer, diagnosticar e oferecer projetos à realidade social em que se move e a que pertence. A extensão do diálogo atinge a todos os que aspiram a ingressar na Universidade. Seja a título regular, seja a título especial, respectivamente, em cursos de graduação e pós-graduação, ou em cursos de especialização, extensão, aperfeiçoamento e atualização.

É o abrir de portas aos setores menos favorecidos, sem demagogias e com cursos diferenciados.

Quanto às Universidades Católicas, não de ser, antes de tudo, verdadeiras universidades. Várias medidas foram sugeridas.

As circunstâncias mudaram e a Universidade Católica deve superar a fase "defensiva". O "católico" da Universidade Católica não pode reduzir-se a mero adjetivo, a cursos de cultura católica desarticulados da carreira do estudante. O "católico" da Universidade Católica deve ser a *inspiração*, a alma da própria Universidade. Jamais catolicizar a ciência e a técnica. Isto seria trair o temporal.

É fundamental que as Universidades Católicas se destaquem pelo nível científico e teológico. Mas também pelo espírito de diálogo, liberdade e respeito à pessoa. É preciso que tomem consciência das transformações sociais do Continente. É a sua responsabilidade, hoje. Elas devem contar com Centros de Estudos Teológicos e de Investigação Sócio-Religiosa.

O segundo documento trata da *presença* da Igreja no mundo universitário da América Latina. Mostra as três etapas da evolução educacional no Continente: aristocrática, resposta às necessidades econômicas, concebendo a educação como adaptação e

não como transformação das estruturas, e uma terceira fase que chama de libertadora: "já que a Universidade é consciência do processo histórico, onde o passado se faz presente pela criação de novas formas de cultura". Mais adiante sintetiza: "Esta consciência da cultura, que se expressa no saber, se institucionaliza na comunidade universitária que, no diálogo permanente de seus membros entre si e dela própria com a sociedade, participa criticamente na personalização e socialização do homem, mediante a transformação e humanização do mundo".

As conclusões do encontro de Buga devem levar os cristãos a uma reflexão pessoal do papel da Universidade Católica. É uma meta interna. E a todos aqueles que se ligam ao mundo universitário induzem a fazer com que a Universidade responda às exigências do momento, desafiantes e angustiantes.

*Edivaldo Boaventura*

## NÓVO MÉTODO DE FRANCÊS

Guerra, Cristina Leitão. *Le Français en chansons; nouvelle méthode de Français*. Salvador, Editora Mensageiro da Fé Ltda., 1968.

A Bahia, tão pouco fértil no publicar, foi contemplada em 1968 com um pequeno mas rico livro didático, de autoria da conhecida mestra de francês Professora Cristina Leitão Guerra. Sua ação educativa, tanto no Colégio da Bahia quanto na Faculdade Federal de Filosofia e na Casa da França, é das mais fecundas e sérias.

Não satisfeita com sua eficiente atuação docente, resolveu aumentar seu raio de influência para fora da sala de aula e torná-la mais duradoura, oferecendo agora às crianças que não têm o privilégio de iniciar-se com ela na língua de Molière uma oportunidade de fazê-lo através de um livro interessante, divertido e original.

Trata-se de um método à base de canções populares infantis, das quais se parte para o ensino intuitivo e agradável do francês. Cada lição é construída dentro da melhor pedagogia, tendo havido preocupação da autora de não só informar o espírito mas também formar o caráter do educando.

Baseada no canto, a lição passa para o recitativo, para a gramática bem dosada, para os exercícios práticos, de recapitulação, etc.

As sugestivas ilustrações que acompanham o texto, de autoria da Prof.<sup>a</sup> Maria Madalena Guerra de Macedo, completam-no muito bem.

A dificuldade do livro está em que a sua utilização exige igual amor ao da autora pelos discípulos. Não é apenas um livro didático a mais, de mero caráter comercial. É de certo modo um livro didático diferente, pois visa a iniciar crianças, que, se mal orientadas, poderão tomar aversão pela língua estrangeira que têm dificuldade de aprender.

O importante é não se lhes criar de início nenhuma dificuldade, tal é o escopo deste livro útil.

Pedagógicamente, segue o método de francês ativo, especialmente elaborado para brasileiros pelo Prof. Raymond Van Der Haegen, autor de excelentes manuais daquela língua. A Prof.<sup>a</sup> Cristina Guerra prolonga até a mais tenra idade de aprendizado o uso daquele método, tendo si-

do, aliás, das suas mais eficientes implantadoras, como auxiliar do Prof. Van Der Haegen.

Remy de Souza

## LIVROS DE SABEDORIA

Maurois, André. *Lettre ouverte à un jeune homme sur la conduite de la vie*. Paris, Editions Albin Michel. 1967, 175 p. (Coleção "Lettre Ouverte", dirigida por Jean-Pierre Dorian).

Não é o escritor claro. Nem o biógrafo afamado, que me tocam. É o autor da *Arte de Viver* e da *Carta Aberta a um Jovem Sobre a Conduta da Vida*. É o *mettre à penser*. O que ensina a pensar. A refletir. Ó maravilhosa família espiritual francesa! De um Jean Guilton, com *O Trabalho Intelectual, Aprenda a Viver e a Pensar, A Nova Arte de Pensar*. De um Padre Sertillanges, com *A Vida Intelectual*. Para não falar nos clássicos, isto é, eternos, Montaigne, Descartes.

Os "livros de sabedoria" não dizem nada em português. Sabedoria é qualquer coisa que liga o conhecimento à vida. É bem bíblico. É muito diferente de "sabido", esperto, vivo, atilado. Precisaria de dois dedos de semântica vivaldina para compreender do sentido, das distinções, do alcance da palavra sabedoria, em português. Jean Guilton classificou os seus livros, em 1961, em: de filosofia, crítica, retratos e sabedoria. Aí colocando os livros referidos e mais o *Convite ao Pensamento e à Vida*.

Não vamos falar da *Arte de Viver*. Embora recomende, de logo, os capítulos sobre a arte de comandar e de pensar.

O que nos interessa é o último livro deste moralista francês: *Carta Aberta a um Jovem sobre a Conduta da Vida*, edição Albin Michel, 1967.

Vamos escolher, e escolher é eleger, apenas algumas partes da carta.

Inicialmente, todavia, o autêntico sábio ancião — a idade é condição para a "sabedoria" — se dirige a um jovem de vinte anos. É uma carta de aprendizagem. Em Balzac, a Senhora de Montsaut escreveu para Félix de Vandenesse coisa semelhante. O tom da missiva é todo de otimismo e de soberba compreensão para o momento.

Quanto aos amigos que encontramos e os tombos que levamos, na vida, cita Ovídio: quando somos felizes, temos numerosos amigos, mas quando viermos os maus tempo, estamos sós. Ovídio se engana. É na adversidade que encontraremos os verdadeiros amigos. Os que ficam. Os que levam ao campo de aviação quando perdemos os grandes cargos.

Para aqueles que condenam o nosso tempo e exaltam o passado, êle relembra o que foi o mundo antes de 1914. As armas não ameaçavam senão os combatentes, os civis poderiam se crer longe dos *fronts* de combate, em paz, quase total. As moedas eram estáveis. Como era feliz o início do século! Mas êsse quadro idílico não é verdadeiro. Uma minoria estava segura do seu futuro, enquanto as massas não tinham nenhuma garantia, no caso de doença e de velhice. A maioria vivia sem conforto, sem prazer, as horas de trabalho tomavam dias e meses sem férias pagas. Não, afirma, eu não vejo a era de ouro no nosso passado próximo: não acredito em idade de ouro, porque os homens continuarão homens, isto é, mistura de heróis e de ferozes animais.

Nos velhos tempos, os adolescentes eram respeitosos, não vestiam *blousons noirs* nem dourados ... Por acaso, as mulheres eram mais virtuosas? As mças menos livres? Absolutamente. E os costumes nos tempos de Luís XV? As guerras de religião foram tão terríveis quanto as ideológicas do Século XX. É preciso aceitar aquilo que é e admitir o que vem... Se vivo no tempo do avião, não devo ter nostalgia da diligência...

O que disse sobre *formação e leitura* reafirma o conselho de Sertillanges: estar sempre com os livros-fontes, os clássicos. Qualquer que seja a opção, uma cultura de base será necessária. Ter uma cultura não é saber um pouco de tudo, nem saber muito de um só assunto. É conhecer a fundo alguns espíritos, alimentar-se deles. Aconselha alguns poucos mestres, que seguirão durante toda a vida, que devem ser lidos e relidos. Se pudesse limitar a escolha até o Século XVI, guardaria Homero, Plutarco e Montaigne.

Alain, tão nosso desconhecido, aconselhava reler cada ano um grande poeta. Entre os livros-companheiros, aconselha as *Memórias* de Saint Simon, o teatro de Corneille, as *Orações Fúnebres* de Bossuet, as *Fábulas* de La Fontaine... Ainda diz Maurois, um pico no horizonte se eleva muito alto, o monte Marcel Proust. Não o pintor de uma sociedade, mas o analista da memória, dos sentimentos e da criação artística. *A Procura do Tempo Perdido* é o poema do tempo, que não pode ser encontrado senão sob a forma da arte. *A Introdução ao Método Experimental*, de Claude Bernard, é uma das chaves do mundo moderno. Para terminar, "eu não peço que leia e que compreenda os especialistas de todas as ciências, físicas e humanas, o que peço é estar em dia com os seus métodos, e suas pes-

quisas... A ciência dá ao homem o poder sobre o mundo exterior, a literatura ajuda a colocar em ordem seu mundo interior".

E sobre as *mulheres*? Nunca negligenciar uma mulher conquistada. As mulheres têm necessidade que nos ocupemos delas, que lhes falemos. Se não fazemos, outros farão. Nunca tratá-las como um sexo inferior, mas como um sexo diferente.

Com aquelas que *pensam* escrever é severo. Escrever é uma vocação imperiosa. Victor Hugo, criança, queria ser "*Chateaubriand ou rien*". Se a brancura da página nos chama; se estamos prontos a tudo sacrificar para colocar no mundo os pensamentos que rompem em nós, buscando expressão; se sabemos que continuamos a escrever não obstante a crítica hostil; se provarmos, com Proust, um sentimento de alívio e de triunfo quando, numa frase perfeita, pintamos exatamente um personagem, um objeto ou um sentimento, então lancemo-nos.

E o que é o *estilo*? É o grifo do temperamento na natureza. A mesma paisagem vista por Renoir, por Van Gogh e por Seurat refletirá três estilos diferentes. Sem temperamento não há estilo.

E o que é importante? É conhece o ritmo que nos convém, pessoal.

Ainda há muito mais: os prazeres, o dinheiro, a reserva dos sentimentos, a fé, a política.

E. B.

## PESQUISA SÓBRE ENFERMAGEM

Universidade Federal da Bahia,  
Escola de Enfermagem. *Saúde e Desenvolvimento na Bahia: Con-*

*tribuição da Enfermagem.* Salvador, Departamento Cultural da UFBa, 1969.

A direção da Escola de Enfermagem, preocupada em conhecer a situação em que se encontram as organizações hospitalares do Estado da Bahia, principalmente no que se refere à quantidade e à qualidade do pessoal de enfermagem que trabalha nessas organizações, designou para esse fim uma equipe composta dos Professores Célia Guimarães Dias Netto, Maura Guimarães, Reginaldo Z. de Campos, Célia Braga, Zeile Novais Dias, Clara Wolfovitch, Gilka Silveira, Célia Coelho, Anaita Costa, Magnólia Dória, além da própria diretora da Escola, Prof.<sup>a</sup> Maria Ivete Ribeiro de Oliveira.

Como áreas de pesquisa foram escolhidas as cidades de Salvador, Alagoinhas, Feira de Santana, Ilhéus, Itabuna, Jequié, Juazeiro, Vitória da Conquista e a pequena comunidade de Wagner. As sete primeiras cidades foram incluídas no plano por serem consideradas pela Reforma Administrativa do Estado como grandes centros urbanos e a última, por ser a única cidade do Interior do Estado onde existe uma escola para auxiliares de enfermagem.

O resultado da pesquisa foi publicado no livro *Saúde e Desenvolvimento na Bahia: Contribuição da Enfermagem*.

Na primeira parte, faz-se uma análise do panorama da saúde na Bahia, levando-se em conta principalmente a situação demográfica; estuda-se o crescimento da população nos centros urbanos, com a conseqüente diminuição da população rural. Não foram esquecidas, também, as causas da mortalidade, concluindo-se que em todas as áreas estudadas, mal providas de me-

didias de saneamento ambiental e de educação sanitária, avultam as infecções respiratórias e as doenças infecciosas e parasitárias como os principais fatores.

Com relação ao saneamento, concluíram os pesquisadores: "Salvador, particularmente, possui dois problemas graves em matéria de saneamento básico: deficiente abastecimento de água e falta de rede de esgotos. Era essa a situação até 1964. Em 1966, com a chamada "Solução Joanes", ela foi modificada em grande parte, em Salvador, no tocante ao abastecimento de água. (...) Para o problema dos esgotos, contudo, a situação não mudou. No estado em que se encontra, pode-se considerar a rede de esgotos da Cidade praticamente inexistente, pois, dos 171km necessários ao seu funcionamento normal, apenas 27km estão concluídos, em péssimas condições de conservação".

Fêz-se, em seguida, um levantamento de todas as instituições hospitalares localizadas na área escolhida, com a conclusão de que o número de leitos é insuficiente para atender a uma população sempre crescente: "O número de leitos existentes nas 71 unidades que vêm sendo abordadas perfaz um total de 7.333 dos quais 5.944 deles se distribuem nas 44 unidades localizadas em Salvador, enquanto apenas 1.391 servem às 27 instituições das referidas cidades interiores. Ora, conhecida que está a população estimada para 1966 na área estudada e sabendo-se que se considera o índice 7,5 leitos para cada 1.000 habitantes como a relação ideal, bem se podem avaliar as deficiências existentes. Se não, observe-se. Seriam necessários mais 506 leitos em Salvador para que se pudesse atender satisfatoriamente à população uma vez que, de acordo com a rela-

ção leito/população, seriam requeridos atualmente 6.450 leitos; dispõe-se, contudo, de 5.944, em Salvador. Aparentemente, esta não seria uma situação das piores. Mas se sabe que esses leitos não se destinam exclusivamente ao atendimento da população da Capital baiana, pois, não havendo recursos adequados no Interior, os leitos hospitalares de Salvador também atendem à população das demais áreas. Dêsse modo, agrava-se consideravelmente o problema”.

Após verificar a deficiência dos leitos dos hospitais na área estudada, partiram os pesquisadores para um levantamento do pessoal de enfermagem que trabalha nessas instituições. Há um total de 1.950 pessoas em serviços específicos de enfermagem em Salvador, e outras 334 pessoas nas oito cidades do Interior. Ficou patenteada a disparidade entre o número de enfermeiras diplomadas e o do pessoal auxiliar. “São em Salvador, 203 enfermeiras, incluindo as obstetritzas, contrastando com 1.731 elementos auxiliares. Com base em categorizada recomendação que propõe a presença de uma enfermeira para cada quatro auxiliares, ter-se-ia comprovada a necessidade de 433 enfermeiras, daí advindo, portanto, um déficit de 230 diplomadas. Este único dado já permitiria especulações não muito animadoras sobre a qualidade dos serviços que possam ser, ou estejam sendo prestados em tal situação; haverá falhas na qualidade desses serviços”.

Essas deficiências têm como causas, muitas vezes, a falta de melhor critério para o recrutamento de pessoal e, também, o baixo salário pago pelas organizações. Assim a equipe enfoca o fato: “Ora, quando se sabe que o salário mínimo não corresponde à satisfação mesma

das necessidades mínimas e que é baixo em quaisquer circunstâncias, pode-se concluir, sem esforço, que o salário oferecido é insuficiente e não compensa a profissionais que necessitam de muito tempo para que possam preparar-se para o desempenho das tarefas que lhe são confiadas, obrigando-os, conseqüentemente, a tomar outros encargos, que, embora em horários diferentes, podem contribuir, e contribuem, para a redução da capacidade e mesmo da qualidade do trabalho”.

A segunda parte é uma análise da situação atual do ensino superior da Enfermagem na Bahia, onde apenas duas escolas existem: a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e a da Universidade Católica de Salvador. A primeira, apesar de uma expressiva percentagem de desistência nas matriculas, tem contribuído em muito para atender à demanda do mercado de trabalho e já entregou a essas instituições, num prazo de vinte anos, mais de quatrocentas enfermeiras de nível superior.

Finalmente, são feitas várias recomendações, visando o aperfeiçoamento das organizações estudadas, principalmente no que tange à carência do pessoal de enfermagem. Para isso, são alertados órgãos oficiais e educacionais para que promovam “intensa campanha de recrutamento de candidatos aos cursos de enfermagem e de auxiliar de enfermagem, ressaltando o papel que desempenham e as oportunidades de trabalho nos programas de saúde; concessão de bolsas-de-estudos a estudantes dos cursos de enfermagem e de auxiliares; criação de cursos de auxiliares de enfermagem nos maiores centros urbanos do Interior baiano. Pelo menos três desses cursos devem ser imediatamente ins-

talados, um na região Sul. outro no Sudoeste e o terceiro no Médio São Francisco".

Outra recomendação importante foi dirigida ao "Ministério da Saúde, à Fundação Hospitalar e demais órgãos competentes para que coloquem em seus programas prioritários a criação de hospitais regionais e municipais e aproveitamento racional dos leitos já existentes para um atendien-

to mais imediato às populações rurais, principalmente às parturientes e aos nascituros, aos pacientes em caráter de urgência, aos psicopatas, aos portadores de doenças infecto-contagiosas".

Resta agora esperar os frutos desse trabalho, de grande importância numa área, como a baiana, que atravessa uma fase de profunda mudança econômica.

*Ailton Sampaio*